

VOUZELA (Vouzela)

Vouzela foi uma freguesia do concelho com o mesmo nome, no distrito de Viseu. Após a reorganização administrativa de 2013, foi agregada a outras localidades, passando a designar-se União de Freguesias de Vouzela e Paços de Vilharigues. A igreja de Santa Maria dista cerca de 100 m da Câmara Municipal. Sair da Câmara e atravessar o jardim alameda Dom Duarte Almeida, atravessar a rua dos Bombeiros Voluntários em direção ao parque da Liberdade onde se localiza a igreja matriz de Vouzela. Por trás desta fica o largo da Feira.

O enquadramento da igreja matriz é urbano, circundado por casas de habitação e pela ponte de caminho de ferro. A freguesia de Vouzela está situada na margem norte do rio Zela.

Vouzela localiza-se no centro da Terra de Lafões, cuja origem remonta ao século VIII. Após a conquista definitiva do território de Lafões por Fernando Magno, em 1057, ter-se-á estabelecido aí um destacamento de cavalaria, tendo alguns desses cavaleiros fundado a igreja de Vouzela.

Igreja de Nossa Senhora da Assunção

DE 1083 DATA O PRIMEIRO DOCUMENTO com a designação de Vouzela, numa doação que várias pessoas fizeram a um mosteiro nessa localidade *quos vocitant Vaucella*, cujo templo era dedicado a Santa Maria, São Salvador e São Miguel, o que demonstra que a igreja já existiria anteriormente. Os doadores, pai, mãe e filho, legam ao dito mosteiro os bens que possuíam em Vouzela. Posteriormente, familiares dos doadores dilatam os bens do mosteiro com novas doações. Porém, as referências a este mosteiro diluem-se no tempo e pouco depois, nas inquirições de 1258, apenas existe a referência à *ecclesia de Vauzela*, cujo padroado permanece na descendência dos fundadores do mosteiro. Estas inquirições dedicam uma extensa redação às doações que foram feitas à igreja de Vouzela, sobretudo no reinado de D. Sancho II (1223-1248). João Domingos, antigo juiz de Lafões, declarava que a fundação da igreja remontava ao século XI e que ainda a tinham os descendentes do fundador, os quais *presenterunt semper eidem ecclesie*.

Nas Inquirições de 1288-1290, a paróquia de Santa Maria de Vouzela fazia parte do julgado de Lafões.

Em 1303, o bispo D. Egas elevou a igreja a colegiada, com dois beneficiados da apresentação do reitor.

No Catálogo das igrejas, comendas e mosteiros do reino, ordenado por D. Dinis em 1320, com vista à obtenção de financiamento para a Cruzada, a igreja de Santa Maria de Vouzela, no arciprestado de Lafões, foi taxada em 300 libras, o valor mais elevado entre as igrejas dessa terra, a par com a igreja de São Pedro do Sul taxada com

o mesmo valor. Neste arciprestado, destaca-se o mosteiro de São Cristóvão de Lafões que contribuiu com 600 libras.

Segundo o *Livro das Comendas da Ordem de Cristo* (1563), Santa Maria de Vouzela era uma das comendas novas dos 20 mil cruzados, no bispado de Viseu, criadas por D. Manuel no início do século XVI (1514-1517). Encontrava-se, então, vaga por falecimento do seu detentor e o seu rendimento era de 25 333 reais. Possivelmente por ter sido uma comenda da Ordem de Cristo, há autores que procuram remontar a fundação da igreja aos Templários, mas não se conhece qualquer documentação, histórica ou artística, que corrobore tal afirmação. É o caso das Memórias Paroquiais de 1758, segundo as quais a igreja, pela sua antiguidade, data do tempo dos Templários. Foi abadia e depois comenda da Ordem de Cristo. "Tem esta igreja boas paredes de cantaria por fora e por dentro mas muito mal ornada e principalmente a cappela mor por ser da comenda". Tinha quatro altares e o pároco era da apresentação da Ordem de Cristo. Na freguesia havia uma capela, chamada de Nossa Senhora do Castelo, por ter sido erguida sobre um castelo de mouros, e onde ainda eram visíveis os vestígios do dito castelo.

Ligeiramente apartada daquilo que é a malha urbana mais recente da vila de Vouzela, a igreja de Santa Maria conserva uma aparência românica e algumas características muito peculiares. Compõe-se de nave única retangular e de uma relativamente profunda cabeceira retangular, mas mais baixa e mais estreita que esta. Toda a igreja foi edificada em granito talhado em aparelho configurando fiadas

pseudo-isódomas e que permaneceu rebocado no seu exterior até à década de 1940. Uma capela de origem funerária, quadrangular e comunicando com a nave pelo lado sul, usou do mesmo tipo de material e esquadria. Ao que se sabe, resulta da encomenda de Fernão Lopes de Almeida e sua mulher Brites Coelha, conforme informa inscrição hoje no lado sul. Conhecida como "Capela dos Almeidas", foi totalmente apeada e reconstruída durante a ação da DGEMN, pelo que o seu estudo deve considerar esta premissa. Cobriu-se a igreja com telhado de duas águas na nave e na cabeceira, mas de quatro nesta capela. Diante da fachada oeste, ocultando-a, ergue-se campanário isento, construído no século XVII.

Enformando um curioso conjunto edificado, a igreja de Vouzela surge hoje bastante desafogada e enquadrada por adro em toda a sua volta. Contudo, esta leitura da envolvente resulta da profunda intervenção de restauro realizada na década de 1940 e que libertou a igreja, no lado sul, de dois corpos que se lhe adossavam, a sacristia e um corpo de dois pisos que cumpria a função de arrecadação. Foram estes dois elementos demolidos porque, como se defende no Boletim nº 56, "apenas serviram para deturpar ou amesquinhar no seu relevo arquitectural, o venerável templo". Completando esta leitura, o adro foi alvo de uma

obra de ampliação e regularização completa e construiu-se uma estreita faixa empedrada à volta da igreja e escadas de acesso à mesma.

Não obstante estas ações, convém notar que a intervenção de restauro memorada no Boletim publicado em 1949 sublinha bem o caráter contido dos trabalhos realizados na própria igreja, pois as obras realizadas ao longo do tempo "limitaram-se, de ordinário, a adaptar sem grande ousadia às miúdas exigências do culto quotidiano". Ou seja, considerou-se, portanto, que "não foram, por isso, muito numerosas, nem irremediáveis, as deformações provenientes da sua actividade reformadora".

Atendendo à grande elevação dos alçados da nave e da cabeceira e ao arranjo dos portais principal e laterais, esta igreja apresenta já soluções características do gosto gótico. Contudo, talvez pelo caráter comprometido de algumas das suas soluções, algumas inclusive resultantes da intervenção de restauro da DGEMN, têm levado alguns autores a considerarem-na românica quando, como já defendeu Carlos Alberto Ferreira de Almeida, é efetivamente gótica. A referência a um templo em finais do século XI é uma evidência em Vouzela. Além disso, sabemos bem que a maior parte das igrejas românicas se edificou sobre um edifício pré-existente, aproveitando a sua implantação,

Perspetiva geral da igreja. Alçados norte e oeste e torre sineira isenta





Cabeceira. Alçado sul



Alçado norte da nave. Portal e rosácea

quando não as suas fundações. Se primeiramente cumpriu a função monástica, no século XIII refere-se à igreja cumprindo tão só a função de paroquial. Contudo, não podemos deixar de colocar a hipótese da atual igreja ter sido edificada pelos descendentes dos fundadores da estrutura monástica que o documento de 1083 memora. A ser assim, a sua construção terá começado já numa fase avançada do românico português, o que pode explicar a incorporação de soluções plenamente góticas, o que se nos afigura mais provável, ou então poderemos colocar a hipótese, já adiantada por Reinaldo dos Santos, de ter sofrido o edifício remodelações durante o período dito gótico.

Uma muito estreita fresta, de configuração retangular e com vitrais enformando losangos, rasga a parede este da cabeceira, rematada em empena triangular. Mais estreitas são as frestas que iluminam a abside a partir de norte e de sul. Também nos dois alçados vemos uma cachorrada. A forma de proa dos cachorros indicia uma cronologia tardia. Muitos dos cachorros dos alçados da nave repetem este modelo.

A leitura do alçado sul da nave é interrompida pela capela de natureza funerária. Esta foi edificada quase à mesma altura da nave, para acolher no seu interior uma abóbada em cruzaria de ogivas e nervurada, caracteristicamente gótica. Rasgada por frestas com alargamento para o interior, apresenta nos seus alçados este, sul e norte cachorrada a sustentar uma cornija mais estreita que a da nave. Devemos notar que, além de alguns cachorros em proa, mais curtos portanto que os da nave, há aqui um conjunto muito interessante de cachorros enformados por rostos

humanos ou cabeças de animais. A comprovada cronologia tardia de edificação desta capela coloca a sua edificação num momento posterior ao românico, a que devemos acrescentar que muitos dos seus cachorros são obra do restauro que pretendeu concluir a cachorrada “de acordo com os elementos existentes”.

Junto desta capela rasga-se o portal sul que permite o aceso direto à nave. A sua configuração é decididamente tardia pois, além de não ter tímpano nem colunas, inscreve-se diretamente na espessura do muro. É marcado por duas arquivoltas quebradas e toreadas que repousam diretamente sobre a imposta com elaborada modenatura. Confrontante, o portal do lado norte é em tudo idêntico. O alçado da nave é rasgado por duas estreitíssimas frestas a que devemos acrescentar a presença de uma rosácea quadrilobada sobre o portal, resultante do arranjo de um óculo com sua grade que aí se rasgou na época moderna. A sua implantação é de facto curiosa, comprometendo inclusive a cachorrada. Optou-se, então, por restituí-lo usando o modelo da rosácea da fachada oeste. Neste alçado, o portal é em tudo idêntico aos laterais. A monotonia criada pela repetição de modelos ao nível do desenho dos portais e das rosáceas, mesmo que resultantes de obras de reconstituição recentes, contrasta com a originalidade de um conjunto de cachorros que se posicionam, no lado norte, junto do alçado oeste.

Reinaldo dos Santos foi um dos primeiros autores a notar a sua originalidade, considerando o seu interesse técnico e iconográfico. Assim, os quatro primeiros cachorros representam o Tetramorfo, a saber, de oeste para

este: uma cabeça de touro, que corresponde à figuração de São Lucas; no segundo, uma cabeça de homem representa São Mateus; no terceiro uma cabeça de leão remete para São Marcos; e no quarto a águia identifica São João. Todas as representações são aladas pois vemos duas asas simetricamente dispostas a servir de fundo às representações. Mário Barroca publicou as suas inscrições, gravadas em duas zonas dos cachorros: primeiro em cima, na moldura superior, vertical, de cada cachorro; e depois nas cartelas, onde estão representados os quatro Evangelistas. Assim, lê-se:

(1a)	(1b)
[...]	[...]
(2a)	(2b)
[Ma]THEI	[...]
(3a)	(3b)
[...]	MA / RCus
(4a)	(4b)
IOHaNniS	IOHaNniS

Se Carlos Alberto Ferreira de Almeida considera estes cachorros serem obra do século XIII, já António Nogueira Gonçalves, como nos informa Graf, atribuiu-os à centúria

seguinte. Certo é que para Ferreira de Almeida este conjunto não deixa de ser curioso por nos mostrar a perda da sacralidade das representações e, até, uma certa ignorância do seu contexto de quadro iconográfico. Apesar desta temática ser muito apreciada durante o período românico, a verdade é que o número limitado de representações historiadas e de conjuntos iconográficos com alguma escala entre nós limitam o nosso campo de análise.

Nos restantes cachorros deste lado da igreja surgem inúmeras cabeças humanas e de animais. O naturalismo da sua representação, particularmente evidente ao nível do gesto que os reproduzem ao modo de gárgulas que saem do quadro pelas próprias mãos, os modelos adotados nos toucados e a expressão dos rostos humanos fazem-nos questionar a cronologia da sua produção. Não são seguramente românicos e duvidamos até se serão góticos. Colocamos a hipótese de serem posteriores e concebidos dentro de um gosto revivalista que procurou criar uma legibilidade aparente, e até tendenciosamente, coesa ao conjunto.

Diante da fachada oeste, cuja empena se sobreleva relativamente ao telhado e cuja composição é dominada pelo portal e rosácea já descritos, ergue-se um maciço pétreo sobre o qual se colocou o campanário de duas ventanas, rematado por ornatos barroquizantes.

Cachorros da cornija norte da nave



Portal sul





Interior. Arco triunfal

Interior. Nave.
Cruz de sagração

Não obstante a forte presença do granito nos paramentos interiores da igreja, fruto da picagem dos rebocos durante a intervenção da DGEMN, a parede fundeira da abside está oculta por elaborado retábulo em talha dourada barroca. Aqui, o teto de caixotões marmoreados denuncia um gosto barroco. O arco triunfal, apesar de encerrar ligeiramente a abside em relação à nave, apresenta uma amplitude que denuncia a sua feitura tardia e ao nível plástico convoca o modelo dos portais. Duas arquivoltas quebradas, com chanfro nas aduelas, apoiam-se sobre impostas com elaborada modenatura e que os pés direitos da parede fundeira da nave sustentam. Contudo, não podemos deixar de sublinhar que o mesmo resulta de uma das mais significantes ações de restauro. Confirma-nos o Boletim da DGEMN dedicado a este edifício que se procedeu ao "apeamento do arco triunfal, [também] de construção moderna, e sua reconstituição, na forma devida". Dentro desta tentativa de reposição da linguagem medieva da igreja foram igualmente apeados o coro e o guarda-vento, porque considerados "sem nenhum valor artístico que aconselhasse a sua conservação". No interior da nave persistem cruzeiros de sagração gravadas em alguns silhares.

O primitivo *monasterium* de Vouzela terá sido edificado no século XI a julgar pelos dados documentais conhecidos. A atual igreja de Santa Maria de Vouzela, herdeira do anterior cenóbio, existia já no início do século XIII. Certo é que diversos aspetos apontam para a laboração de um estaleiro tardio, permeável às soluções do gótico conforme comprovam as soluções dos portais, as rosáceas e a

elevação dos alçados da nave e cabeceira. Contudo, a sua contenção comprova também como o românico vingou no tempo longo. Disso são exemplo os cachorros desta igreja, sendo notória a presença da iconografia do Tetramorfo, acompanhada de letreiros epigrafados, no lado norte da igreja, junto ao alçado oeste. O interior foi bastante modificado pelas intervenções dos séculos XVIII e XIX. Foi classificada Monumento Nacional em 1922 e em 1949, por portaria, fixou-se a sua zona *non aedificandi* na sequência da intervenção de restauro e assim assegurando o seu isolamento no centro do adro que a envolve.

Texto: MLB/JL - Fotos: SVS

Bibliografia

ALMEIDA, C.A.F., 1986b, p. 111; BARROCA, M.J., 2000a, Insc. n.º 494 (de [século XIII] ou [século XIV]); BOISSELLIER, S., 2012, p. 170; DGEMN, 1949, pp. 5-22; GEPB, 1935-60, XXXVI, pp. 680-697; GRAF, G., 1986-87, p. 102; LENCART, J., 2018, p. 470; MEM. PAROQ. 1758 (2010), pp. 760-761; PMH, INQ., 1288-91, pp. 587-589; SANTOS, R., 1948-50, I, p. 15; SANTOS, R., 1955, p. 122; SIPA.

